



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (CFCH)
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS (DCG)
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

DAVI ROCHA DE BARROS

O CONCEITO DE PAISAGEM A PARTIR DE UMA AULA-CAMPO EM OLINDA/PE

Recife

2022

DAVI ROCHA DE BARROS

O CONCEITO DE PAISAGEM A PARTIR DE UMA AULA-CAMPO EM OLINDA/PE

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado na Universidade Federal de
Pernambuco como requisito básico para a
conclusão do curso de Licenciatura em
Geografia.

Orientador: Daniel Vater de Almeida

Recife
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Barros, Davi Rocha de.

O conceito de paisagem a partir de uma aula-campo em Olinda/PE / Davi Rocha de Barros. - Recife, 2022.

53 p. : il., tab.

Orientador(a): Daniel Vater de Almeida

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Geografia - Licenciatura, 2022.

Inclui referências, apêndices.

1. Ensino de Geografia. 2. Aula-campo. 3. Paisagem. 4. Análise Espacial.
I. Almeida, Daniel Vater de. (Orientação). II. Título.

910 CDD (22.ed.)

DAVI ROCHA DE BARROS

O CONCEITO DE PAISAGEM A PARTIR DE UMA AULA-CAMPO EM OLINDA/PE

Trabalho de Conclusão de Curso
aprovado em 28 / 12 /2022, como
requisito parcial para obtenção do título
de Licenciatura em Geografia, pela
Universidade Federal de Pernambuco –
UFPE, por todos os membros da Banca
Examinadora.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Daniel Vater de Almeida (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dra. Priscylla Karoline de Menezes (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Me. Silvana Paula Soares - (Examinador Externo)
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo evidenciar a importância da paisagem para a educação geográfica. Consequentemente, a aula-campo surge como método indispensável para o ensino de Geografia. Assim, a pesquisa foi realizada por meio de uma abordagem qualitativa de caráter exploratório, o que possibilitou ao pesquisador, estar incluído na investigação, ora como colaborador, ora como interlocutor. Desta forma, foi realizada uma revisão literária, que buscou aprofundar a historicidade do conceito de Paisagem, até o entendimento atual para a ciência geográfica, junto à análise de elementos que fundamentam o trabalho do professor: a BNCC, os PCNs e o livro didático. Por fim, foi realizada uma aula-campo, a fim de identificar, in loco, as particularidades e metodologias aplicadas na elaboração deste trabalho de campo para estudantes vestibulandos. A pesquisa resulta numa noção proximal entre a aula-campo e a análise espaço-temporal, de forma a permitir ao aluno uma experiência de aula de Geografia fora da sala de aula tradicional. A aula-campo possibilita o desenvolvimento do pensamento espacial aos alunos e torna-se uma prática essencial no decorrer do ensino-aprendizagem, assumindo valor incontestável tanto para o estudante quanto para a experiência e exercício profissional docente de Geografia.

Palavras-chave: ensino de geografia; aula-campo; paisagem; análise espacial.

RÉSUMÉ

Ce travail vise à souligner l'importance du paysage pour l'enseignement de la géographie. Par conséquent, la classe de terrain apparaît comme une méthode indispensable pour l'enseignement de la géographie. Ainsi, la recherche a été menée selon une approche qualitative à caractère exploratoire, qui a permis d'inclure le chercheur dans l'enquête, tantôt en tant que collaborateur, tantôt en tant qu'interlocuteur. Ainsi, une revue littéraire a été réalisée, qui visait à approfondir l'historicité du concept de paysage, jusqu'à la compréhension actuelle de la science géographique, ainsi que l'analyse des éléments qui sous-tendent le travail de l'enseignant: le BNCC, les PCN et le manuel. Enfin, une classe de terrain a été réalisée afin d'identifier, in loco, les particularités et les méthodologies appliquées dans l'élaboration de ce travail de terrain pour les étudiants passant des examens d'entrée. La recherche aboutit à une notion proximale entre le terrain-classe et l'analyse spatio-temporelle, afin de permettre à l'étudiant une expérience du cours de géographie en dehors de la classe traditionnelle. Le cours de terrain permet le développement de la pensée spatiale chez les étudiants et devient une pratique essentielle dans le déroulement de l'enseignement-apprentissage, assumant une valeur indéniable tant pour l'étudiant que pour l'expérience et la pratique professionnelle de l'enseignement de la géographie.

Mots clefs: enseignement de la géographie; classe de terrain; paysagé; analyse spatiale.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. METODOLOGIA.....	9
3. A PRODUÇÃO DA PAISAGEM: MATERIALIDADES NUMA FRAÇÃO ESPAÇO-TEMPORAL	10
3.1 A EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE PAISAGEM NA CIÊNCIA GEOGRÁFICA ..	10
4. AULA-CAMPO E EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA: UMA ANÁLISE HISTÓRICA DA PRÁTICA DE CAMPO COMO MÉTODO NA CIÊNCIA GEOGRÁFICA	17
4.1 A PAISAGEM SEGUNDO A BNCC	17
4.2 A AULA DE CAMPO NA QUALIDADE DE MÉTODO DIDÁTICO NO ENSINO DA GEOGRAFIA	22
5. AULA-CAMPO COMO METODOLOGIA DE AULA DE GEOGRAFIA: A PAISAGEM ATUAL DA ORLA DE OLINDA/PE	27
5.1 A CONTEXTUALIZAÇÃO DO LOCAL DE ESTUDO	29
5.2 A AULA DE CAMPO E O ESTUDO DA URBANIZAÇÃO NA ÁREA COSTEIRA DO BAIRRO DE CASA CAIADA.....	38
6. PALAVRAS FINAIS	47
REFERÊNCIAS.....	48
APÊNDICE A- CIRCULAR PARA OS RESPONSÁVEIS SOBRE A REALIZAÇÃO DA AULA DE CAMPO	52
APÊNDICE B - EXERCÍCIO DE CAMPO	53

1. INTRODUÇÃO

O ensino da geografia permite a análise espacial permite a análise de elementos e conceitos possibilitadores à dissonantes compreensões deste espaço mesmo que, simultaneamente, mesmo que aparente ser contraditório, permitam uma análise interligada dos fatores, pois, como disse Milton Santos (2006) o espaço se mostra contraditório.

O espaço se compreende, além da contradição, a partir da solidariedade e indissociabilidade intrínseca aos sistemas de objetos e sistemas de ações. Objetos estes, cada vez menos associados diretamente ao meio natural, assim como as ações, que, juntos, anseiam por atender as necessidades sociais e territoriais do lugar em que se inserem.

Diante desse cenário, o crescimento populacional exponencial, a busca incessante pelo desenvolvimento econômico atrelados às desigualdades e mazelas sociais, acabam por transformar o espaço em que se inserem. A alteração espacial promove uma mudança na paisagem, elemento fundamental para a compreensão do espaço geográfico e para o desenvolvimento da ciência geográfica.

A paisagem deve ser entendida como a materialização de fenômenos numa fração espaço-temporal. A paisagem é dinâmica e a compreensão espacial por meio da análise da paisagem também deve ser imbuída de dinamismo. O espaço vem se alterando e se reinventando com o passar dos milênios e a análise daquela porção espacial possibilita a compreensão dos fenômenos que o levaram ao estado em que se encontra.

Por conseguinte, o ensino da geografia deve possibilitar o entendimento desse espaço a partir da análise das porções espaço-temporais, de forma que a paisagem seja estudada de forma crítica e embasada. No entanto, os muros impostos nas salas de aula tradicionais nas escolas, limitam a análise espacial por não permitir o contato direto dos estudantes com a vasta variedade de paisagens.

Surge, então, a aula de campo como método fundamental para o professor de geografia, como a aula fora da sala de aula. Tal método, se torna indispensável na aquisição do pensamento espacial e do raciocínio geográfico por meio da análise da paisagem. A quantidade de locais que podem ser observados a partir da saída da sala de aula convencional é imensurável

A aula campo possibilita contribuições significativas para todas as áreas de estudo da geografia trabalhadas na sala de aula tradicional. Com isso, se torna indispensável para a realização de uma aula campo, uma real compreensão, vinda do docente, do significado da paisagem para a ciência geográfica.

Se aprofundar na ciência geográfica e buscar o entendimento espacial possibilita ao professor uma educação geográfica de qualidade de forma a estimular o aluno a compreender o mundo em que se vive por meio de estímulos ao pensamento espacial (BNCC, 2018). Deve-se então a busca para uma melhor compreensão da aula de campo para o ensino da geografia, e que assim, formemos

cidadãos capazes de se enxergar como elemento fundamental da sociedade e do espaço geográfico.

2. METODOLOGIA

O trabalho foi elaborado por meio de uma abordagem qualitativa da pesquisa, de modo a analisar dados sobre os conceitos de paisagem ao longo dos séculos e associá-los às aulas de campo, de modo que se mostrasse a importância de trabalhar a paisagem de maneira interativa e transformadora ao espaço. Segundo Godoy (1995), o fenômeno é melhor compreendido no contexto o qual ocorre e faz parte, desta forma surge a necessidade do pesquisador ir a campo, analisando o fenômeno de acordo com a perspectiva do observador.

A pesquisa foi feita de maneira participante, que, segundo Brandão responde desafios ao invés de criá-los e incorporar-se em programas que colocam em prática novas alternativas de métodos ativos em educação, o que viabiliza a elaboração de aulas de campo para suprir a necessidade metodológica em que se encontra o sistema educacional brasileiro.

Por conseguinte, surge a pesquisa assumindo um caráter exploratório, baseada em incorporar concepções epistemológicas acerca da paisagem para proporcionar embasamento acerca das práticas de campo no contexto escolar de forma didática e eficiente.

Ao todo, a pesquisa se desenvolveu em 3 etapas. A primeira consistiu numa revisão bibliográfica profunda a fim de identificar a evolução histórica do conceito da paisagem, desde a Antiguidade, antes da geografia ser vista como ciência, até o momento que marca e sucede a concepção da ciência geográfica. Foi feita uma análise de livros didáticos para compreender as abordagens conceituais da paisagem e a forma que é trabalhada.

O segundo momento da pesquisa consistiu na análise da aula campo como método a ser utilizado no ensino de geografia de acordo com a Base Nacional Comum Curricular e os Parâmetros Nacionais Curriculares, para que, assim, a aula campo surgisse como ferramenta fundamental para uma educação inclusiva, participativa e possibilitadora.

Por fim, foi realizada uma aula de campo para fosse possível o entendimento do método para a compreensão espaço-temporal do que é a paisagem, daí o caráter qualitativo da pesquisa. Desta forma, houve o estudo das áreas trabalhadas em geografia, foi realizado todo o planejamento da aula baseado no contexto que os alunos se inserem, além da participação direta ao ministrar a aula para os estudantes de forma a exercitar a observação da paisagem para a compreensão espacial.

3. A PRODUÇÃO DA PAISAGEM: MATERIALIDADES NUMA FRAÇÃO ESPAÇO-TEMPORAL

A Geografia na formação básica dos estudantes, possibilita o entendimento do espaço geográfico a partir de inúmeros objetos, que a partir de uma rede, teoricamente, articulada de fatores que englobam o natural, o social, o cultural e o econômico, no qual juntos, definem e dinamizam o espaço.

É imprescindível no ensino da geografia o trabalho interligado sobre esses objetos, inclusive num contexto de formação e atuação profissional que direciona o professor para um trabalho isolado e extremamente dicotomizado entre a geografia humana e a geografia física. Mesmo que, eventualmente, se faça necessária esse afastamento no trabalho de conceitos muito específicos, o ensino da geografia não pode se desprender do entendimento do espaço, espaço este que denota a complexa relação entre os fatores humanos e naturais estudados pela ciência geográfica.

Partindo desse pressuposto, percebe-se o conceito de paisagem como fundamental para o entendimento de fenômenos e ações presentes no espaço a partir da análise espaço-temporal. Surge então a aula de campo como método indispensável para a construção do pensamento geográfico, como dito por Assis e Oliveira (2009, p. 198):

Instiga a aula em campo, antes de tudo, compreender as diferenciações entre as paisagens dos livros didáticos e as paisagens vivenciadas *in loco*. [...] os movimentos das relações sociais, seus diferentes tipos de uso e seu entorno, a combinação de objetos naturais e artificiais — um instante da relação sociedade-natureza, ou melhor, das naturezas mais ou menos humanas — num verdadeiro conjunto de processos e objetos.

A aula de campo permite a análise espaço-temporal por meio da observação *in loco* da paisagem, e para que sejam compreendidas as funções e possibilidades do entendimento do espaço por meio deste método, é fundamental, para o docente, o entendimento da evolução epistemológica do conceito da paisagem para a ciência geográfica.

3.1 A EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE PAISAGEM NA CIÊNCIA GEOGRÁFICA

Ao se referir à paisagem, como objeto de estudo da ciência geográfica, é importante uma recapitulação de como o conceito se transformou e foi reinventado com o passar do tempo. Desde a antiguidade, surge uma abordagem da paisagem fortemente incorporada nas artes e no paisagismo (MAXIMIANO, 2004).

Essa concepção é encontrada em registros referentes ao Egito Antigo (2500 a.C), durante a IV dinastia, dotado de jardins e pavilhões ornamentados que

compunham complexos residenciais rodeados por muros, à Tebas, Grécia, que segundo Leite (1994, apud MAXIMIANO, 2004 p.84) apresentava uma copiosa área verde ao entorno de seu centro urbano. O estudo da paisagem, para melhor aproveitamento dos cursos hídricos associados aos Rios Tigre e Eufrates, da construção de jardins, da elaboração de leis e desenvolvimento de conhecimento agrícola, foi amplamente aproveitado pelos povos mesopotâmicos.

Os muros assumiram a função de proteção aos agentes antrópicos e naturais. De acordo com Mattiuz (2017?), os jardins da antiguidade exerciam um papel de transmitir abundância dentro das fortificações muradas, por exemplo.

Ao longo da História os jardins sempre estiveram presentes como testemunha do momento cultural, das riquezas e da religiosidade dos povos. Os jardins da Antiguidade eram instalados no interior ou no entorno de palácios, em áreas planas ou em patamares, e plantavam-se frutas, legumes e flores para alimentação e também para a celebração de rituais.

Surgiram parques de caça assírios e pequenos oásis com sombra, flores e água, emblemas da concepção de paisagem há milhares de anos na região dos rios Tigre e Eufrates e foram percebidas mais tarde nos jardins de influência moura em Granada, Córdoba e Toledo, na Espanha.

Maximiano (2004), ainda cita o fato da noção coletiva de paisagem, na Europa, ter sido constituída sob influência do aumento e rapidez da circulação das pessoas, a instituição de colônias, a imprensa e a fotografia.

No Ocidente, o primeiro termo para designar paisagem foi a palavra alemã *landschaft*. Este termo existe desde a Idade Média, para designar uma região de dimensões médias, em cujo território desenvolviam-se pequenas unidades de ocupação humana. [...] Na França, a partir da Renascença, falou-se de *paysage* com um sentido próximo do original *landschaft*, que considera os arredores, com uma conotação espacial delimitada e delimitante.

Segundo Schier (2003), as discussões acerca da paisagem nem sempre foram convergentes nas diversas abordagens geográficas, e passam a assumir papéis e características consonantes às influências culturais e discursivas associadas aos teóricos, ao promover uma visão mais nacional do conceito de paisagem, no transcorrer das escolas geográficas. Seja no positivismo alemão, de uma maneira estática, de fatores geográficos agrupados em unidades espaciais, ou no possibilismo francês, em que o caráter processual é mais importante. Ambas tratam a paisagem como a porção espacial do mundo onde são expressas as atividades humanas.

Schier (op. cit.) expõe essas incorporações culturais seja na geografia alemã de Schlüter, Passarge e Hettner, ou na França, com a consolidação do conceito de paisagem em 1940, como a interseção de fatores naturais e humanos, na geografia

francesa e a *paysage* (*pays*, conceito milenar que foi incorporado à geografia francesa com o passar dos séculos) como relacionamento do homem com o seu espaço físico, seguindo as influências de La Blache e Rochefort.

No leste europeu e na Alemanha, emerge uma idéia mais holística e sinérgica da *Landschaft* (paisagem), denominada *Landschaftskomplex* (complexo paisagístico) por Paul Schmithüsen, durante a década de 40, definindo as unidades de paisagem pelos seus processos ecológicos, ideia incorporada, também, na *Landschaftsökologie* (ecologia da paisagem), proposta por Carl Troll e Hartmut Leser. A *human ecology*, termo norte-americano, trabalha a paisagem associada aos sistemas ecológicos de maneira sinérgica à abordagem europeia. Paralelamente, nos Estados Unidos, o termo *landscape* (paisagem), até então, utilizado no país, sob influência de Carl Sauer, é substituído pela abordagem neopositivista de “região”, de Hartshorne, que incorporou o conceito como uma união de variáveis abstratas deduzidas da realidade da paisagem e da ação humana.

A concepção epistemológica da paisagem, possibilita a pluralidade de concepções conceituais que agregam a discussão e entendimento das possibilidades em torno do conceito, que por muitas vezes era mais incorporado no meio artístico. Seja no início da carreira do abstracionista russo Wassily Kandinsky, na abordagem de patologias sociais que se misturavam às paisagens urbanas, tratadas naturalismo nacional ou na bucólica do arcadismo, a paisagem inspirava a necessidade para sua observação.

Com isso, pode-se entender a diversidade de discussões que são possibilitadas a partir do debate em torno do desenvolvimento dos estudos em torno da paisagem. Conceição e Passos (2015) mostram de forma enriquecedora a evolução da relevância do conceito de paisagem, com a abordagem voltada para a geografia cultural e humanista.

Precedendo a utilização do termo na geografia, a categoria funcionava como uma técnica artística, no século XV, nos Países Baixos na forma de *landskip* (no inglês antigo: *landscipe* [região, distrito]; no inglês médio: *landschippe*; no escocês: *landskipe* [paisagem]). A paisagem como forma de pintura é introduzida nas análises dos geógrafos, que já tinham por interesse, desde o começo da disciplina geografia, os estudos das paisagens.

A partir do século XIX os estudos entorno das paisagens passam a desenvolver um grande progresso, a partir da disseminação da fotografia, permitindo a observação de diversas paisagens globais, e nesse período, Humboldt promove o desenvolvimento da ideia de que as análises são intrínsecas à sensibilidade do observador, que passa a entender a paisagem como uma interface, permitindo diversas perspectivas de entendimento acerca do espaço. Surge, posteriormente, a antropogeografia de Ratzel, em 1882, na qual se desenvolveram estudos acerca do homem para a geografia e a influência que o meio tem sobre o indivíduo.

Seguindo as análises de Conceição e Passos (2015), Carl Sauer promove uma grande mudança na geografia norte-americana, que passaria a se desprender do determinismo ambiental em função da antropologia e história. A Escola de Berkeley surge como fundamental na concepção da paisagem cultural, contrapondo

o viés determinista, até então abordado. e a partir do desprendimento, surgem o trabalho geográfico e a paisagem como método da geografia, pois para Sauer objeto da Geografia é a região (síntese do trabalho geográfico) e o seu método, a análise das paisagens (estudo dessa síntese).

Por conta da forma seletiva que os estudos acerca da geografia cultural eram desenvolvidos até a década de 50, segundo os autores supracitados, houve uma corrente de renovação calcada na tradição da Escola de Berkeley, emergindo uma nova forma de se analisar a cultura e suas reverberações nas paisagens.

Surge então, Denis Cosgrove como principal nome atrelado a esse processo de renovação. Cosgrove, em "*Prospect, perspective and the evolution of the landscape idea*" (1984, p. 46) trás a paisagem como "um modo de ver" o mundo externo, abordagem oriunda do humanismo renascentista. Surge então uma paisagem inteiramente atrelada às mudanças sociais e econômicas, em função das necessidades estabelecidas pelos pensadores e observadores da paisagem: levantamento e mapeamento de terrenos recém-adquiridos, consolidação e melhorias nos imóveis comerciais burgueses, o cálculo da distância e trajetória de um tiro de canhão e elaboração de fortificações defensivas contra o novo armamento, na elaboração de projeções do globo para melhor inserção das regiões no mapa. Na arte, no paisagismo ou *design*, na cartografia, na busca pelo domínio do espaço, conseguindo, a paisagem, a concepção espacial, organizacional e representacional.

Todavia, estes funcionalismos não devem negligenciar muitos significados contidos na paisagem humana, erro recorrente na dicotomização da geografia humana e física, devido ao funcionalismo objetivo da explicação geográfica. A geografia, para Cosgrove (2012 apud Conceição e Passos 2015, p. 100), nos cerca, e os entornos em torno da ciência geográfica deve compreender a vida humana e suas expressões na paisagem, mostrando que a geografia existe para ser contemplada.

Por fim, para Conceição e Passos (2015), temos a Geografia Humanista e a Geograficidade de Eric Dardel. É abordada a perspectiva de paisagem:

[...] muito mais que uma justaposição de detalhes pitorescos, a paisagem é um conjunto, uma convergência, um momento vivido, uma ligação interna, uma impressão, que une todos os elementos. A paisagem é um reflexo da condição social dos indivíduos e comporta uma marca da vivência do mesmo, logo: "A paisagem pressupõe uma presença do homem, mesmo lá onde toma forma de ausência. Ela fala de um mundo onde o homem realiza sua existência como presença circunspeta e atarefada.

Para a Geografia Humanista, o homem surge como um elemento atuante do espaço, capaz de se relacionar mutuamente com a natureza, influenciando e sendo influenciado. Para Dardel, (2001), o geógrafo assume uma função descritiva do espaço pontuando e analisando as feições que neste há, o que funcionaria como uma descrição literária da terra, na qual o autor imprimiria suas concepções

metodológicas, sociais, culturais e pessoais na análise feita acerca espaço geográfico.

Milton Santos, em sua obra “A Natureza do Espaço” (2006), conceitua a paisagem como “[...] conjunto de elementos naturais e artificiais que fisicamente caracterizam uma área”, além de diferenciar a paisagem do espaço. Segundo o autor, apesar da constante interseção dos conceitos, a paisagem e o espaço geográfico não são sinônimos.

A paisagem existe através de suas formas, criadas em momentos históricos diferentes, porém coexistindo no momento atual. No espaço, as formas de que se compõe a paisagem preenchem, no momento atual, uma função atual, como resposta às necessidades atuais da sociedade. Tais formas nasceram sob diferentes necessidades, emanaram de sociedades sucessivas, mas só as formas mais recentes correspondem a determinações da sociedade atual.

Bernardes (2020), elencou as principais diferenças entre o espaço geográfico e a paisagem, seguindo as ideias de Milton Santos (2006), como pode ser observado no quadro abaixo.

Quadro 1: Diferenciação entre paisagem e espaço geográfico

Paisagem	Espaço Geográfico
Conjunto de objetos reais.	É sempre um presente, uma construção horizontal, uma situação única.
Caracteriza-se por uma dada distribuição de formas-objetos, providas de um conteúdo técnico específico.	Decorre das ações sociais para as formas-objetos.
Sistema material e, assim, relativamente imutável.	Um sistema de valores, que se transforma permanentemente.
Cada fração da paisagem é uma fração do espaço.	É uno e múltiplo.
É testemunha da sucessão dos meios trabalhados, um resultado histórico acumulado.	É a síntese, sempre provisória e sempre renovada, das contradições e da dialética social, entre o conteúdo social e as formas espaciais.
É totalidade.	É totalização.

Fonte: por Antonio Bernardes (2020), baseado em “A natureza do espaço” de Milton Santos.

Para Santos, em "Metamorfoses do Espaço Habitado" (1988, p. 61), "[...] tudo aquilo que nossa visão alcança é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons.", o que nos mostra o caráter sensorial do entendimento da paisagem.

Aziz Ab'Saber (2003), trata a paisagem como um elemento que tem o caráter de heranças de processos antigos, remodelados e modificados por processos de atuação recente, como ocorre na topografia planáltica da região central do Brasil. As análises de Ab'Saber trazem um importante fator de análise da paisagem para a compreensão espacial.

A partir disso, processos que permeiam o tempo geológico e o tempo histórico, com os humanos primitivos, durante o quaternário, que observaram e foram influenciados por uma série de mudanças climáticas e ecológicas das paisagens globais, além de toda a trajetória humana, que vem desde a Antiguidade, onde foram proporcionadas e observadas uma vasta gama de mudanças paisagísticas locais e regionais, reverberando numa responsabilidade, teórica, acerca da herança obtida por essas metamorfoses espaciais, pois, segundo o autor, foram herdados, pelas populações, mais do que simples espaços territoriais, mas sim, paisagens e ecologias.

O autor definiu as potencialidades paisagísticas brasileiras como os "domínios morfoclimáticos", amplamente utilizado no estudo do meio natural brasileiro, as unidades paisagísticas homogêneas por apresentarem uma vasta área de similaridade ecológica, topográfica, hidrográfica, pedológica, geológica e climática. Ab' Saber trata, ao todo, de seis grandes domínios: Araucárias, Pradarias Mistas, Amazônico, Cerrados, Caatingas e os Mares de Morros. Este último, além de serem abordadas suas áreas mamelonares, o intemperismo químico das rochas cristalinas em função do regime pluviométrico, é abordado - e nomeado, sendo o único dos domínios a não ser nomeado de acordo com seus elementos fitogeográficos mais marcantes - em função da sua relação com as ações antrópicas espaciais.

As relações antrópicas associadas à nuclearização urbana na extensão longitudinal do domínio, exploração dos solos de maneira "infeliz", devido à irresponsabilidade ou desconhecimento acerca das particularidades da região onde os mares de morros são observados. A maior densidade demográfica se encontra na região do país mais exposta aos processos erosivos e movimentos coletivos do solo (voçorocamentos e deslizamentos de massa) em todo o território nacional, denotam uma urgente necessidade de análise espacial e paisagística do domínio para minimizar as problemáticas associadas ao desgaste e incongruências entre a população e os mares de morros.

Com isso, vemos o principal elemento paisagístico deixando de ser as grandes unidades fitogeográficas, mas sim a ausência delas, nomeando, por conta da ausência da vegetação como unidade no domínio, assim, como Domínio dos Mares de Morros, e não como Domínio da Mata Atlântica, como foram nomeados os demais.

Josué de Castro fundamenta os estudos acerca das paisagens do Recife e o seu processo de ocupação e urbanização, como no romance “Homens e Caranguejos” (1967), com direta ligação ao *Manguebeat*, na década de 90, principalmente à obra de Chico Science e Nação Zumbi, como em “Da lama ao Caos” (CSNZ, 1994) e “*Manguetown*” (CSNZ, 1996), onde a paisagem lamacenta dos manguezais recifenses intrinsecamente se une à vida e ao cotidiano das populações vulneráveis de Brasília Teimosa, por exemplo, vítimas da gentrificação ocorrida no bairro do Pina, onde vemos a paisagem mercadológica dos empresários no bairro do Pina, se misturar com a paisagem menos valorizada das comunidades ribeirinhas.

Ao serem inseridos nessa realidade, os habitantes da região se relacionam de maneira intrínseca aos crustáceos e moluscos pescados como fonte de renda e subsistência pelos moradores nos ecossistemas flúvio-marinhos, levaram Josué de Castro à construção da metáfora do “homem-caranguejo”. De acordo com Nogueira (2009), a metáfora em questão, “constitui [...] a compreensão da tríade Homem, Meio-Ambiente e Arte, pois é um exercício de ultrapassagem do abismo que teima em separar a cultura científica e da cultura das humanidades.”

No decorrer da indissociabilidade espaço-tempo e nas diversas ramificações epistemológicas das ciências geográficas, o conceito de paisagem se faz como essencial para o desenvolvimento da geografia e para o trabalho docente-discente na educação básica, amadurecendo, assim, o conhecimento geográfico do cidadão em formação.

4. AULA-CAMPO E EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA: UMA ANÁLISE HISTÓRICA DA PRÁTICA DE CAMPO COMO MÉTODO NA CIÊNCIA GEOGRÁFICA

A ciência geográfica tem como principais objetos de estudo, a concepção do espaço e paisagem partindo da convergência e interface entre a dimensão natural e a dimensão humana no espaço geográfico. Portanto, o ensino da geografia é indissociável a estes conceitos, em que, por todas as etapas do ensino básico, a construção do raciocínio geográfico deve ser exercitada.

Não obstante, a perspectiva atual do sistema socioeducacional brasileiro, rodeada de incertezas, desvalorização dos agentes educacionais, desmotivação dos educandos, debilidade de recursos e investimentos, além da falta de estrutura em algumas unidades escolares, corrobora em desafios observados nas unidades de ensino.

Neste contexto, Jesus e Santos (2019) falam da função inspiradora da aula de campo, aproximando os estudantes de realidades proximais, todavia, limitadas pelos muros das escolas. Mesmo que frequentemente, rodeada de percalços, que vão desde a impossibilidade da saída da unidade escolar com os alunos, adequação a carga horária, até a laboriosa preparação e planejamento da aula. Segundo os autores:

Oportunizar novas situações de aprendizagem para os alunos é fundamental para que novos sentidos e significados sejam criados, permitindo aos mesmos o desenvolvimento de diferentes percepções a respeito do conteúdo estudado, aproximando-o com as suas vivências. Estreitar os alunos ao estudo das transformações espaciais é fundamental para o entendimento da geografia do dia a dia (p.189).

A aula de campo surge como importante método possibilitador a uma educação geográfica libertadora. O entendimento das paisagens como elemento das espacialidades, é assistido diretamente pelo método, ao ser pensado e planejado como uma aula que se centre no conceito e análise da paisagem como ferramenta essencial para o entendimento das dinâmicas espaço-temporais.

Martinez e Leme (2009) trazem a aula de campo como oportunidade para o aluno analisar de forma mais crítica as paisagens que o cerca, e, principalmente, compreender que a paisagem visualizada é resultado de relações sociais, políticas e econômicas.

4.1 A PAISAGEM SEGUNDO A BNCC

Surge então a Base Nacional Comum Curricular, com versão final homologada em 2018, disponibilizada em todo o território brasileiro, que assume o papel de nivelar o acesso aos conteúdos essenciais nos sistemas de ensino,

cabendo ao município e ao estado adequar e acrescentar conteúdos condizentes a realidade local/regional dos estudantes.

A Base Nacional Comum Curricular se fundamenta em competências gerais e específicas que estruturam parâmetros e habilidades a serem desenvolvidos ao longo das etapas, ensino fundamental e médio, e séries para atingir uma expectativa nacional para o ensino.

De acordo com o documento, o ensino da geografia deve proporcionar o desenvolvimento do pensamento espacial, estimulando o raciocínio geográfico para representar e interpretar o mundo em permanente transformação e relacionando componentes da sociedade e da natureza.

Para Ascensão *et al* (2018) o pensamento espacial é componente diretamente atrelado ao raciocínio geográfico e é fundamental para as espacialidades, o que associado ao ensino de Geografia, caberia a contribuição para que os estudantes compreendam as espacialidades produzidas em função das interações entre os componentes espaciais e as relações multiescalares (CECIM e CRACEL, 2019, p. 1580). Segundo Ascensão:

A espacialidade de um fenômeno seria, pois, decorrente da interdependência entre localização, descrição e interpretação [tripé metodológico] dos processos, considerando sua escala de abrangência, as temporalidades que o constituem e o espaço que ocorrem (ASCENÇÃO *et al*, 2018, p. 6).

Para tal, surge a necessidade direta da abordagem conceitual, que possibilita um entendimento amplo e crítico da realidade, por meio de conhecimentos factuais, com possibilidades da observação espaço-temporal e para o exercício da cidadania, onde o educando passa a se enxergar como elemento e membro atuante das transformações do espaço.

Outrossim, é indissociável um ensino geográfico atrelado ao ensino desses conceitos para que, conseqüentemente, o aluno se perceba como elemento fundamental atrelado ao espaço geográfico. Deve, o professor de geografia construir o entendimento conceitual de território, paisagem, lugar e região, e suas associações ao espaço, este que se molda e se adequa de acordo com as necessidades e intenções sociais e particulares.

Por conseguinte, verifica-se aos estudantes a necessidade de um ensino de geografia norteador, que os tornem capazes de compreender o mundo e suas sociedades, conseqüentemente o pensamento espacial. Para a construção desse entendimento, exige-se a superação do caráter meramente descritivo da ciência geográfica, o que pode ser feito ao atrelar às temporalidades e espacialidades associadas às paisagens observadas.

Com isso, ao analisar o documento (p. 360), entende-se como pensamento espacial, é atrelado ao desenvolvimento intelectual, o que abre portas para multidisciplinaridade (em matemática, ciências, artes, literatura, no ensino

fundamental), que visa a solução de problemas associados à dimensões, proporções e orientações no espaço, em escala macro ou micro

Já na etapa do ensino médio, vemos a abordagem espacial como norteadora para a organização da etapa, sendo essencial para a formação básica. O espaço é cercado por acontecimentos ocorridos em circunstâncias variadas, onde territorialidades se organizam a partir das relações de cada sociedade com a natureza, e a espacialidade de fenômenos é associada à uma prática espacial reflexiva do cidadão

Dessa forma se observam as diferenças e semelhanças entre os indivíduos e as sociedades como sedimentações que ocorrem ao longo do tempo e em múltiplos espaços e circunstâncias, e torna-se possível compará-las, assim como compreender processos marcados pela continuidade, por mudanças e por rupturas, sendo esta uma das competências das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas no ensino médio (p. 570):

“Analisar e avaliar criticamente as relações de diferentes grupos, povos e sociedades com a natureza e seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à proposição de alternativas que respeitem e promovam a consciência, a ética socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional, nacional e global.”

Ao analisar o documento, foram selecionadas para desenvolvimento deste trabalho, e possíveis aulas de campo a serem elaboradas, as competências específicas para o ensino de geografia no ensino fundamental (quadro 2) e competências e habilidades específicas para ensino fundamental (6º ano) e médio (quadro 3), que permitem a análise da paisagem como ponto norteador para o entendimento da porção espaço temporal em questão, o que permite o trabalho das competências e habilidades em questão em uma aula de campo.

Quadro 2: Competências Específicas Área de Geografia.

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE GEOGRAFIA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL (BNCC)
1. Utilizar os conhecimentos geográficos para entender a interação sociedade/natureza e exercitar o interesse e o espírito de investigação e de resolução de problemas.

2.	Estabelecer conexões entre diferentes temas do conhecimento geográfico, reconhecendo a importância dos objetos técnicos para a compreensão das formas como os seres humanos fazem uso dos recursos da natureza ao longo da história.
3.	Desenvolver autonomia e senso crítico para compreensão e aplicação do raciocínio geográfico na análise da ocupação humana e produção do espaço, envolvendo os princípios de analogia, conexão, diferenciação, distribuição, extensão, localização e ordem.
4.	Desenvolver o pensamento espacial, fazendo uso das linguagens cartográficas e iconográficas, de diferentes gêneros textuais e das geotecnologias para a resolução de problemas que envolvam informações geográficas.
5.	Desenvolver e utilizar processos, práticas e procedimentos de investigação para compreender o mundo natural, social, econômico, político e o meio técnico-científico e informacional, avaliar ações e propor perguntas e soluções (inclusive tecnológicas) para questões que requerem conhecimentos científicos da Geografia.
6.	Construir argumentos com base em informações geográficas, debater e defender ideias e pontos de vista que respeitem e promovam a consciência socioambiental e o respeito à biodiversidade e ao outro, sem preconceitos de qualquer natureza.
7.	Agir pessoal e coletivamente com respeito, autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, propondo ações sobre as questões socioambientais, com base em princípios éticos, democráticos, sustentáveis e solidários.

Fonte: Base Nacional Comum Curricular (p. 366.)

Quadro 3: Possíveis habilidades a serem trabalhadas em aulas de campo a partir da análise das paisagens.

HABILIDADES DE GEOGRAFIA SEGUNDO BNCC PARA POSSÍVEL UTILIZAÇÃO EM AULAS DE CAMPO	
6º Ano Ensino Fundamental	(EF06GE01) Comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos.
	(EF06GE02) Analisar modificações de paisagens por diferentes tipos de sociedade, com destaque para os povos originários.

	(EF06GE04) Descrever o ciclo da água, comparando o escoamento superficial no ambiente urbano e rural, reconhecendo os principais componentes da morfologia das bacias e das redes hidrográficas e a sua localização no modelado da superfície terrestre e da cobertura vegetal.
	(EF06GE05) Relacionar padrões climáticos, tipos de solo, relevo e formações vegetais.
	(EF06GE06) Identificar as características das paisagens transformadas pelo trabalho humano a partir do desenvolvimento da agropecuária e do processo de industrialização
	(EF06GE07) Explicar as mudanças na interação humana com a natureza a partir do surgimento das cidades
	(EF06GE10) Explicar as diferentes formas de uso do solo (rotação de terras, terraceamento, aterros etc.) e de apropriação dos recursos hídricos (sistema de irrigação, tratamento e redes de distribuição), bem como suas vantagens e desvantagens em diferentes épocas e lugares
	(EF06GE11) Analisar distintas interações das sociedades com a natureza, com base na distribuição dos componentes físico-naturais, incluindo as transformações da biodiversidade local e do mundo
	(EF06GE13) Analisar consequências, vantagens e desvantagens das práticas humanas na dinâmica climática (ilha de calor etc.)
1º, 2º e 3º Ano Ensino Médio	(EM13CHS206) Analisar a ocupação humana e a produção do espaço em diferentes tempos, aplicando os princípios de localização, distribuição, ordem, extensão, conexão, arranjos, casualidade, entre outros que contribuem para o raciocínio geográfico.
	(EM13CHS306) Contextualizar, comparar e avaliar os impactos de diferentes modelos socioeconômicos no uso dos recursos naturais e na promoção da sustentabilidade econômica e socioambiental do planeta (como a adoção dos sistemas da agrobiodiversidade e agroflorestal por diferentes comunidades, entre outros).
	(EM13CHS401) Identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos, classes sociais e sociedades com culturas distintas diante das transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes espaços (urbanos e rurais) e contextos.

Fonte: Base Nacional Curricular Comum (p. 385, 575, 579).

De acordo com a BNCC (p. 369), todo processo de aprendizado pode ser pautado por práticas de ensino provocadoras estimulando, assim, a reflexão e o protagonismo, estas, pautadas na observação e experiências diretas, sendo essas práticas muito atreladas ao trabalho de campo.

A BNCC (2016) enxerga os alunos como produtos e produtores do espaço, de forma que o estudo da Geografia se baseia na orientação para uma busca do lugar de cada indivíduo no mundo, valorizando a sua individualidade e, ao mesmo tempo, situando-o em uma categoria mais ampla de sujeito social: a de cidadão ativo, democrático e solidário.

A partir da análise das competências e habilidades selecionadas, observamos as possibilidades da análise sensorial de determinadas porções espaço-temporais, retomando, assim, a paisagem no ensino de Geografia, ao reforçar que esta se fundamenta nos registros espaciais provocados a partir de diferentes influências sobre a superfície terrestre.

Surge então a aula de campo como um método essencial na construção do conhecimento geográfico, de forma a se pensar e observar presencialmente todos os conceitos e temporalidades trabalhados no ensino da disciplina em sala de aula. A percepção espacial da paisagem enriquece o aprendizado geográfico de forma a permitir a aplicação dos princípios do raciocínio geográfico, na construção do ensino, mas fora de sala de aula.

Desta forma, a aula de campo permite que esses princípios sejam trabalhados de forma observacional. Ao analisar determinada paisagem, é possível estimular a analogia de fenômenos geográficos, de paisagens, o entendimento de que as ações ocorridas no espaço e observadas naquela unidade paisagística é conectado à outras ações e fenômenos próximos ou distantes, sendo cercado pela temporalidade, ao estar passando, sempre, por processos, o que o leva a ser transformada a todo momento, mesmo que de forma pouco perceptível no momento, como dito por Brunhes (1925).

Pode-se, também, buscar uma análise de relações estabelecidas de causa e consequência entre elas, seguindo um importante princípio geográfico proposto por Humboldt: o da causalidade. Além de incentivar a localização, seja absoluta ou relativa, da paisagem observada.

Nesse contexto, compreende-se que a atividade de campo consiste no contato direto com o ambiente de estudo fora dos muros burocráticos da sala de aula, que permite ao professor o conhecimento de um instrumento pedagógico eficiente e bastante proveitoso na relação ensino aprendizagem. Mas é importante destacar que, por ser um método didático que auxilia o professor em suas aulas teóricas, não deve ser utilizada sem fundamentação prévia, tendo em vista que sua função principal é a materialização da teoria.

4.2 A AULA DE CAMPO NA QUALIDADE DE MÉTODO DIDÁTICO NO ENSINO DA GEOGRAFIA

É, de fato, uma das funções do professor explicitar e reforçar a função da educação para seus educandos. O aluno, por meio do ensino, está em constante construção de conhecimentos e percepções, de acordo com os recursos didáticos, metodologias e métodos utilizados pelo professor.

A partir desse pressuposto, observa-se, progressivamente, a busca por práticas pedagógicas que permitam ao discente o desenvolvimento de inquietações, a partir de estímulos trabalhados por meio de métodos ativos de aprendizagem. Segundo Jean Piaget, a utilização desses recursos, são de suma importância ao estimular a curiosidade e criticidade do estudante para com os objetos de estudo.

[...] O recurso aos métodos ativos, conferindo-se especial relevo à pesquisa espontânea da criança ou do adolescente e exigindo-se que toda verdade a ser adquirida seja reinventada pelo aluno, ou pelo menos reconstruída e não simplesmente construída (PIAGET. 2007, p. 15).

Sendo assim, o trabalho de campo, ao ultrapassar os muros burocráticos da sala de aula, atinge a expectativa de gerar inquietação e interesse ao discente.

Ao relembrar a função de fortalecer a criticidade e a construção do pensamento espacial do ensino da geografia, não se deve dicotomizar a ciência em “ramos físicos e humanos”. De acordo com Santos (2006, p. 9): “esta disciplina sempre pretendeu construir-se como uma descrição da terra, de seus habitantes e das relações destes entre si e das obras resultantes, o que inclui toda a ação humana sobre o planeta.” Ao fazer a análise da porção do espaço em uma aula de campo, deve-se, sempre, relacionar os elementos naturais às ações sociais que envolve-se (ou envolvê-lo-á) o espaço e a paisagem.

Segundo o manual de orientação para a educação no Brasil, os Parâmetros Curriculares Nacionais- PCNs, a aula campo é fundamental para ensinar os alunos a observar a paisagem, mas para que a atividade ocorra com sucesso, no processo de ensino-aprendizagem, é de fundamental importância que pense o processo conforme as realidades de cada lugar e dos estudantes (1998, p. 38).

O documento em questão, traz a importância de anexar a aula de campo à realidade educacional brasileira. Os PCNs, que têm obrigatoriedade no ensino público, ressaltam o valor do método em questão a partir da consciência de que grande parte da compreensão da Geografia passa pelo olhar.

Dessa forma, vemos uma atenção para associar duas realidades de caráter importante no contexto educacional: a de trazer o mundo para a sala de aula e a de levar o aluno para este mundo, fora do local tradicional de ensino para atender expectativas cotidianas e específicas do ensino geográfico.

Podemos, assim, trabalhar a paisagem a partir da observação. Trabalhar a compreensão do espaço geográfico a partir da análise da porção observada, orientada pelo educador, permite um entendimento desprendido de longos discursos, muitas vezes maçantes, como percebemos no atual contexto educacional

brasileiro. A compreensão das paisagens é concretizada por meio da sua observação.

A aula de campo, retomando o que foi dito por Piaget (2007 p.15), surge como ferramenta para um ensino prazeroso, possibilitando as indagações e reconsiderações a partir dos entendimentos científicos transmitidos em aula, sendo, assim, uma das diversas estratégias de aproximação do estudante para com o estudo.

Milton Santos (2006) reflete acerca das ações sociais no espaço, de forma a tratar da forma que os elementos culturais e naturais de uma paisagem remontam, não somente, a uma realidade física, estática e presente. A paisagem, por muitas vezes, se mostra como uma realidade social de transformações impostas ao espaço de acordo com as necessidades da presença humana. “A paisagem é apenas uma parte da situação e o todo é definido pela sociedade atual, enquanto sociedade e como espaço.” (2006, p. 71).

Desta forma, os PCNs trazem objetivos gerais para a área de ensino geográfico, que devem fundamentar os professores na apropriação das orientações feitas no documento. Isto, atrelado à bagagem científica trazida pelo professor no processo contínuo de aprendizado e às técnicas e métodos utilizados na construção do aprendizado, de forma a encaminhar o estudante para um olhar organizacional dos fatos para a construção de uma visão plural do contexto social. Os objetivos gerais que podem ser englobados numa realidade de trabalho de campo vão ser representados no quadro 4.

Quadro 4: Objetivos gerais de geografia para o ensino fundamental.

Objetivos gerais da área de geografia segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).
• Conhecer o mundo atual em sua diversidade, favorecendo a compreensão de como as paisagens, os lugares e os territórios se constroem.
• Identificar e avaliar as ações dos homens em sociedade e suas conseqüências em diferentes espaços e tempos, de modo que construa referenciais que possibilitem uma participação propositiva e reativa nas questões socioambientais locais
• Conhecer o funcionamento da natureza em suas múltiplas relações, de modo que compreenda o papel das sociedades na construção do território, da paisagem e do lugar

• Compreender a espacialidade e temporalidade dos fenômenos geográficos estudados em suas dinâmicas e interações
• Conhecer e saber utilizar procedimentos de pesquisa da Geografia para compreender a paisagem, o território e o lugar, seus processos de construção, identificando suas relações, problemas e contradições
• Orientá-los a compreender a importância das diferentes linguagens na leitura da paisagem, desde as imagens, música e literatura de dados e de documentos de diferentes fontes de informação, de modo que interprete, analise e relacione informações sobre o espaço;

Fonte: Parâmetros Curriculares Nacionais (1998 p. 35)

Com isto, se observa um notável direcionamento desses objetivos gerais para as compreensões de conceitos básicos e essenciais para a geografia: território, lugar, região e, principalmente, paisagem e espaço como o marco zero para as construções que serão feitas no decorrer da educação geográfica.

Surgem então as análises supracitadas de Milton Santos, que trazem a interpretação da paisagem como elemento mutável e temporal, análogas ao espaço, de forma a influenciar as dinâmicas e ser moldada a partir das necessidades sociais em torno da capitalização ou modificação do espaço, sendo essencial o exercício dessas concepções aos estudantes, tanto no ensino fundamental, quanto no médio.

Evidencia-se, desta forma, o trabalho do conceito de paisagem nos livros didáticos, de 6º ano do Ensino Fundamental e 1º ano do Ensino Médio. Em “Geografia Geral e do Brasil: Espaço Geográfico e Globalização”, de Moreira e Sene (2016), o conceito de paisagem é trabalhado como elemento indissociável ao espaço geográfico:

A paisagem é a aparência da realidade geográfica, aquilo que nossa percepção auditiva, olfativa, tátil e, principalmente, visual capta. Embora as paisagens materializem relações sociais, econômicas e políticas travadas entre os grupos humanos, elas nem sempre são percebidas. Desvendá-las requer observação, percepção e pesquisa, sendo esse o caminho para que o espaço produzido pelo homem seja apreendido em sua essência. Podemos dizer, então, que o espaço geográfico é formado tanto pela sociedade quanto pela paisagem permanentemente construída e reconstruída por ela (p. 12).

Na obra de mesmo nome, mas escrita por Coelho e Terra e destinada ao ensino médio, vemos uma abordagem semelhante, mas com mais atenção para trabalhar os conceitos antrópicos e sociais de maneira interligadas.

Quando olhamos para um lugar, estamos vendo sua paisagem. Portanto, paisagem é tudo o que vemos, tudo o que nossa percepção distingue. Numa paisagem encontram-se registradas parte da história dos indivíduos e dos grupos, a cultura, as diferentes formas de produção, além das características naturais, como o relevo, a distribuição hidrográfica e até as marcas do clima. (p. 15).

Branco, Lucci e Mendonça em “Território e Sociedade no Mundo Globalizado” (2016, p.19), do 1º ano do ensino médio, retratam que “A paisagem geográfica é aquilo que se vê (o conjunto dos elementos materiais) e se percebe (sons, cheiros, movimentos) num determinado momento, em uma porção do espaço.”

Percebe-se, uma abordagem coerente e concisa do conceito de paisagem nos três livros. Mostra a interação dos elementos sociais e culturais com os naturais como fundamentais nas concepções espaciais. Entretanto, a realidade apresentada nos livros didáticos são insuficientes para a construção de uma relação intimista do estudante com o espaço. Não há como um livro distribuído em território nacional mostrar paisagens cotidianas para um aluno recifense, um manauara e um cuiabano em uma, duas páginas do livro didático. Tal generalização, pode, por vezes, tornar os conceitos em algo distante, muito científico e separá-lo do cotidiano do cidadão em formação.

A aula-campo, dessa forma, surge fundamentalmente para a conceituação e percepção *in loco* desses conceitos nos estudantes. O estudo da paisagem, por muitas vezes feito de maneira meramente descritiva, hoje, nos permite análises geracionais, compreensões espaciais que ultrapassam fronteiras, partindo sempre, da observação pontual da paisagem em questão.

Com isso, ao partir da noção de importância de se utilizar tal método na construção educativa do aluno, baseados na ótica da Teoria das Inteligências Múltiplas, de Howard Gardner (1995), que desconstruiu a dicotomia entre alunos inteligentes e com ausência dela, a partir de uma ideia de que as inteligências não podem ser mensuradas, afinal, não são objetos (ALVES, 2002), Santa-Clara (2012) traz o trabalho de campo para essa construção de entendimento sobre inteligências.

Os autores evidenciam que existe a necessidade de diversificar as práticas de ensino para abranger os diversos tipos de inteligência. Desta forma, é necessário que as metodologias e projetos propostos permitam ao indivíduo a possibilidade de se enxergar como membro atuante da construção daquele conhecimento. Evidenciar as qualidades desses alunos desencadeia no educando o interesse necessário para promover as transformações esperadas.

Portanto, ao elaborar um trabalho de campo, o professor deve estruturar as atividades pensando na realidade da turma e dos alunos que serão inseridos. Desta forma, Santa-Clara (2012, p. 120-121), exemplifica a maneira que os estudantes podem ser estimulados em uma aula de geografia fora de sala de aula:

“Ao planejar uma viagem com uma turma para uma aula de Geografia em campo, podemos recrutar, por exemplo, aqueles estudantes com facilidade

de raciocínio espacial (Inteligência Espacial) para lidar com os mapas, e cuidar da trajetória. Podemos, ainda, solicitar aqueles com boa capacidade para cálculos (Inteligência Lógico-Matemática) para ajudar a calcular os custos de combustível e quilometragem. Aqueles com boa habilidade de produção escrita (Inteligência Linguística) poderão ser convocados para serem os relatores do projeto. E assim por diante.”

Por conseguinte, tal inclusão servirá para englobar e despertar o interesse dos alunos para com a atividade e projetos propostos pelo professor. É importante, porém, pontuar, que, não deveremos restringir o educando à uma atividade específica por estar atrelada a uma habilidade intrínseca e já desenvolvida, e sim ser a gênese para novas aptidões e disposições para o estudante.

Partindo, então, dos embasamentos gerados por meio da BNCC, PCNs para trabalho da paisagem e utilização do trabalho de campo como método didático, além de incorporar, principalmente, as ideias de Milton Santos, foi elaborado uma atividade de campo visando pôr em prática parte dos referenciais teóricos abordados anteriormente no texto.

5. AULA-CAMPO COMO METODOLOGIA DE AULA DE GEOGRAFIA: A PAISAGEM ATUAL DA ORLA DE OLINDA/PE

A educação geográfica tem a capacidade formativa, segundo os PCN de “orientar o seu olhar para os fenômenos ligados ao espaço, reconhecendo-os não apenas a partir da dicotomia sociedade-natureza, mas tomando-os como produto

das relações que orientam seu cotidiano, definem seu “locus espacial” e o interligam a outros conjuntos espaciais”. Tal expectativa, atinge ampla potencialidade de atendimento, ao se utilizar de métodos que propiciam uma ampla criticidade espacial, onde o aluno, a partir da observação da paisagem, ampliaria o seu entendimento econômico, social e cultural da sociedade.

Diante disso, ao possibilitar tal análise da paisagem, temos a aula de campo como método fundamental para a formação geográfica dos estudantes. Percebem-se embasamento teórico direto, onde os PCN trazem o trabalho de campo como metodologia a ser, extremamente, valorizada. A BNCC propicia uma abordagem possibilitadora ao desenvolvimento de habilidades essenciais à construção do entendimento sócio-espacial.

Com propósito de desenvolver as habilidades que propõem “analisar a ocupação humana e a produção do espaço em diferentes tempos, aplicando os princípios de localização, distribuição, ordem, extensão, conexão, arranjos, casualidade, entre outros que contribuem para o raciocínio geográfico (EM13CHS206)”, “contextualizar, comparar e avaliar os impactos de diferentes modelos socioeconômicos no uso dos recursos naturais e na promoção da sustentabilidade econômica e socioambiental do planeta (EM13CHS306)” e “identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos, classes sociais e sociedades com culturas distintas diante das transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes espaços (urbanos e rurais) e contextos (EM13CHS401)”; atrelados às competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas para o ensino médio voltada para:

- 1- Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica. [...] 3- Analisar e avaliar criticamente as relações de diferentes grupos, povos e sociedades com a natureza (produção, distribuição e consumo) e seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à proposição de alternativas que respeitem e promovam a consciência, a ética socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional, nacional e global. (BNCC, p.570).

Foi proposta uma atividade de campo voltada para estudantes de ensino médio que prestariam o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), no último dia 13 de novembro de 2022.

Partindo, então, dos embasamentos gerados por meio da BNCC, PCNs para trabalho da paisagem e utilização do trabalho de campo como método didático, além de incorporar, principalmente, as ideias de Milton Santos, a atividade de campo visara pôr em prática parte dos referenciais teóricos abordados anteriormente no texto.

Inserido no contexto de mercantilização da educação, onde há uma grande busca por excelentes resultados nos principais vestibulares agregados aos sistemas de ingresso nas universidades públicas do estado, temos o ENEM e o Sistema Seriado de Avaliação (SSA- UPE), se percebe uma cobrança grande para com os estudantes vestibulandos.

Baseado nessa situação percebe-se uma intensa pressão psicológica diretamente sobre os alunos, além da cobrança exacerbada por resultados em cima dos professores. Com isto, pensado para alunos de aulas preparatórias para ENEM e SSA, na semana que antecedeu a prova de Ciências Humanas e suas Tecnologias, e consequentemente de geografia, uma aula de campo de caráter conclusivo para a preparação, onde temas importantes para a ciência geográfica e para as provas em questão seriam revisitados.

Foi feita uma análise das provas pretéritas, e se percebeu uma grande cobrança em cima de conteúdos referentes à urbanização, geografia da população, geomorfologia, climatologia e globalização, levando a, no processo de elaboração da atividade de campo, uma atenção maior para trabalhar esses conteúdos de forma associada, sem promover a separação dicotômica entre o “físico” e o “social”.

Todos esses objetos, de estudo da ciência geográfica, tiveram a possibilidade de serem trabalhados de maneira articulada em uma aula de campo feita no município de Olinda, estado de Pernambuco, local de residência dos estudantes em questão, Pernambuco. O bairro em questão foi o de Casa Caiada, na região central da cidade, bairro residencial e comercial com fortes mudanças sociais e dissonantes realidades entre os grupos populacionais.

5.1 A CONTEXTUALIZAÇÃO DO LOCAL DE ESTUDO

O bairro de Casa Caiada, que pode ser localizado cartograficamente nas imagens 1, 2, 3, 4, 5, passou por um acentuado processo de enobrecimento de sua região mais central. Historicamente, Casa Caiada sempre foi um bairro de extremos: uma região extremamente valorizada, inserida na região costeira do município, dotada de serviços públicos, infraestrutura de qualidade e grande disponibilidade de transporte público para a área, integralizando municípios, como Paulista e Recife, e outros bairros, como Ouro Preto, Rio Doce, Águas Compridas e Peixinhos.

Imagem 1: Mapa do Brasil.



Fonte: Google Maps 2022

Imagem 2: Região Nordeste e o Estado de Pernambuco.



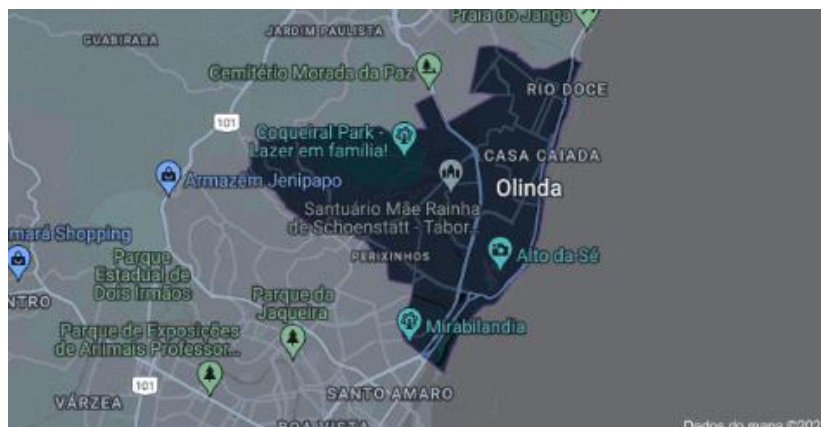
Fonte: Google Maps 2022

Imagem 3: Estado de Pernambuco.



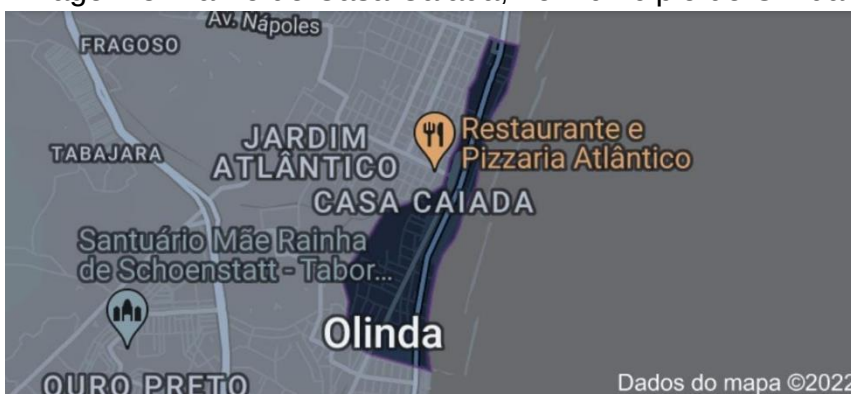
Fonte: Google Maps 2022

Imagem 4: Município de Olinda, localizado ao norte da capital do estado, Recife..



Fonte: Google Maps 2022

Imagem 5: Bairro de Casa Caiada, no município de Olinda.



Fonte: Google Maps 2022

Em relação à educação, praticamente só existem colégios particulares como o Colégio Dom, Colégio Luiza Cora, Colégio Pleno, instituições de certa visibilidade social no município. Além de dois hospitais particulares para atender a parcelas da população da região mais nobre do município, uma urgência do grupo Unimed e o Hospital da rede Esperança, serviços de saúde que não abrangem toda a população local.

À medida que se afasta da região limítrofe ao litoral, vemos uma mudança no perfil social de ocupação dos espaços públicos e de residência. Enquanto, na proximidade com a costa, percebem-se prédios de luxo, casas ocupadas pelas porções mais elitizadas da população local, à medida que nos afastamos, é percebido um grande padrão de mudança na estrutura das moradias, e ultimamente, se vê, cada vez mais, o afastamento dos grupos menos dotado de capital da região enobrecida. Gradualmente a população se afasta da parcela mais assistida do bairro.

Todo o processo de enobrecimento se tornou mais agudo, principalmente, após a construção do centro comercial Patteo Olinda Shopping, em 2018, primeiro do ramo no município, localizado a poucos metros da praia. A inauguração do centro, serviu de encaminhamento para uma hipervalorização do solo urbano na

região, dando munção ao mercado imobiliário para o enriquecimento a partir da renda gerada pelos terrenos urbanos.

O terreno onde foi construído o shopping, foi construído numa área pertencente ao antigo quartel pertencente à polícia do exército brasileiro. Murado e cercado, já indicava alterações do espaço natural, porém, do ponto de vista imobiliário, não agregava valor. As vias públicas do entorno funcionavam apenas como acesso para outras ruas e para a praia, sendo utilizadas por habitantes de todos os grupos sociais.

Com a construção do shopping, se percebe, hoje em Olinda, uma mudança intensa no espaço do entorno do shopping e no bairro de Casa Caiada. O número de galerias comerciais, prédios em construção, estabelecimentos sendo inaugurados, provocando, assim, severas mudanças e atraindo melhorias na infraestrutura e na segurança pública da região.

Em contrapartida, a medida que se sai da área central, próxima ao shopping e à praia, aproxima-se da região mais periférica do bairro, a ausência de pavimentação nas ruas, saneamento básico e segurança pública. Há uma forte presença de invasões e habitações construídas sem estrutura.

De um lado, temos a área nobre: prédios e casas de luxo, shopping, escolas particulares, hospitais, galerias, mercados destinados à burguesia consumidora, fortes investimentos públicos e privados, habitada pela população de maior poder aquisitivo. Do outro, uma área afastada do centro e de toda essa, nova, realidade, habitada, principalmente, pelos desassistidos e marginalizados no contexto capitalista que nos inserimos.

Todo esse processo de mudança, ainda associado à urbanização explosiva, onde a praia, como depósito sedimentar, praticamente inexistente em muitos trechos. A Av. Ministro Marcos Freire, popularmente chamada de Avenida Beira Mar, nos dias de maré muito alta, constantemente é alagada por conta das ondas do mar que atingem as proteções rochosas inseridas a partir da década de 50.

Nas imagens abaixo, pode-se ver todo o processo de mudança na paisagem urbana do município de Olinda, na praia de Casa Caiada e com a construção do Patteo Olinda Shopping. A imagem 8 mostra o ponto onde foi feita a primeira parada da aula campo (ainda sem a presença do shopping, que viria a ser construído no segundo dos dois terrenos, a partir da perspectiva do observador da imagem, e no primeiro, hoje existe uma franquía da famosa rede de *fast-food McDonald's*, onde foi realizada a segunda parada).

Imagem 6: Construção de diques de proteção contra o avanço do mar em Olinda, 1960



Fonte: Arquivo Público Municipal de Olinda.

Imagem 7: Vista aérea da orla de Bairro Novo, Casa Caiada e Rio Doce, 2009.



(Fonte: Flickr/ Prefeitura de Olinda).

Imagem 8: Vista aérea da orla de Casa Caiada em 2009. O segundo terreno é o local onde após 9 anos seria construído o Patteo Olinda Shopping.



(Fonte: Flickr/ Prefeitura de Olinda).

Imagem 9: Vista aérea do bairro de Casa Caiada em 2009. O primeiro terreno, a partir da perspectiva do observador, é o local onde após 9 anos seria construído o Patteo Olinda Shopping. Ao fundo, vemos a praia de Casa Caiada.



(Fonte: Flickr/ Prefeitura de Olinda).

Imagem 10. Obras da construção do Patteo Olinda Shopping (onde hoje é a entrada principal, paralela à praia) em 2016.



Fonte: Flickr/ Prefeitura de Olinda.

Imagem 11. Via pública com ponto de táxi e entrada principal (paralela à costa) do shopping em 2022.



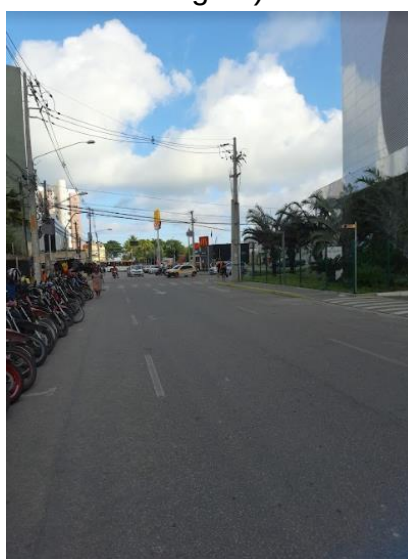
(Acervo Pessoal).

Imagem 12. Via pública e entrada lateral (Sul) do shopping em 2022.



(Acervo Pessoal).

Imagem 13: Via pública (à norte do shopping) onde se localiza a saída lateral (à direita na imagem), a McDonald 's (ao fundo), um estacionamento e ponto de parada para motos e entregadores de aplicativos e comércio informais (à esquerda na imagem).



(Acervo Pessoal).

Imagem 14: Terreno onde seria, posteriormente, construída a McDonald's, no bairro de Casa Caiada.



Fonte: Google Street View.

Imagem 15. McDonald's e o Patteo Olinda Shopping ao fundo



(Acervo Pessoal).

A partir da observação espacial dos arredores do shopping, se vê um tráfego de pessoas e veículos muito maior que no período anterior à sua construção. A franquia da McDonald's, inaugurada em outubro de 2022, também em um terreno que pertencia ao poder público, mostra, com mais força, como está ocorrendo um processo de surgimento de serviços comerciais na região, junto a galerias e restaurantes. A existência de um, extenso, ponto de táxi, inexistente até a abertura do shopping, demonstra o crescimento exponencial do fluxo de pessoas na região.

Em contrapartida, temos a existência de comércios autônomos e informais: sapateiros, vendedores de água e pipoca, barracas para venda de produtos

eletrônicos falsificados, capas e acessórios para *smartphones*, que se unem à paisagem do entorno.

No entanto, mesmo com a existência de tais comércios, a circulação de pessoas mais enquadradas na burguesia consumidora. A classe mais pobre, que anteriormente frequentava a região com mais frequência, hoje ainda a ocupa, mas trajados de fardas para realizar seu trabalho no shopping e nos estabelecimentos comerciais. Ainda existia uma forte presença de moradores de rua, que se reuniam na calçada da rua que hoje é a entrada principal do shopping, e que não fazem mais parte desta porção espacial. Se observa então um processo de gentrificação, aportuguesamento de *gentrification*, cunhado por Glass (1964), e que, segundo Kalesnikaite e Garcia-Zamor, (2014, p. 191) ocorre também, na saída dos moradores de rua por não conseguirem mais realizar as suas atividades diárias no novo espaço público, muitas vezes sendo criminalizados.

A partir dessas observações, a aula de campo foi pensada para se construir a visão crítica da porção espaço-temporal, por meio da observação da paisagem, para que conceitos importantes, não só para o ENEM ou SSA, mas também para a construção social e geográfica dos estudantes.

5.2 A AULA DE CAMPO E O ESTUDO DA URBANIZAÇÃO NA ÁREA COSTEIRA DO BAIRRO DE CASA CAIADA

A aula de campo foi planejada para os estudantes, todos terceiranistas e vestibulandos, seguindo uma proposta de campo motivadora com objetivo de despertar o interesse dos alunos para um dado problema ou aspecto a ser estudado (NEGRÃO; SCORTEGAGNA, 2005), como forma de sair do mesmo padrão de ensino que eles vinham sendo expostos: sala de aula nas escolas e o ensino em domicílio. Foi assim, a maneira mais adequada de encerrar o ciclo de preparação que eles foram submetidos de uma maneira mais leve e de relevante importância metodológica. Foi realizada no dia 09 de novembro de 2022.

Foi preparado uma circular (APÊNDICE A) para os responsáveis, informando sobre as perspectivas e intenções do professor responsável, foi abordada a conscientização da importância da aula de campo, além de serem dadas instruções e orientações importantes para a realização do trabalho de campo.

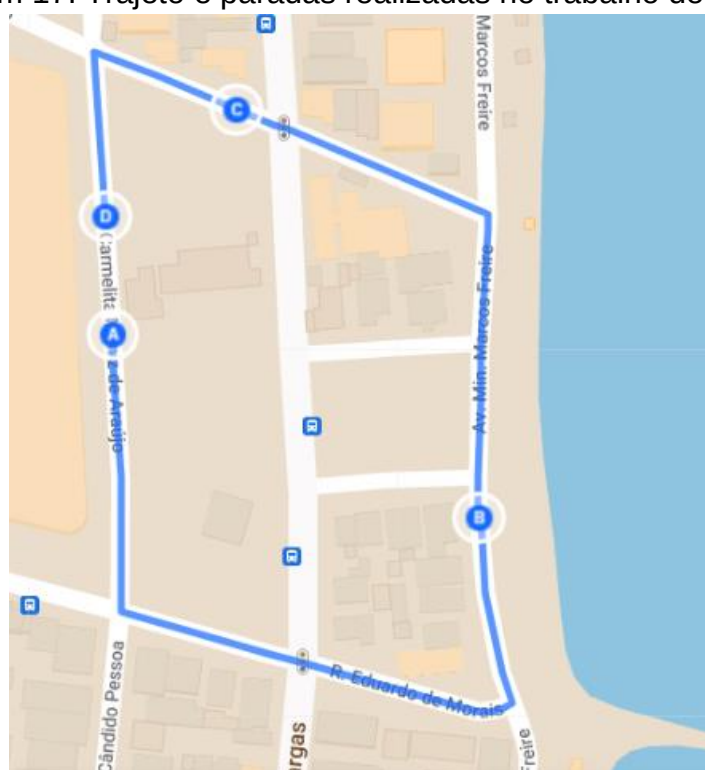
A ideia principal foi analisar a paisagem urbana da região litorânea do bairro de Casa Caiada, em especial a Praia do Quartel, além da paisagem do entorno do Patteo Olinda Shopping e da rede de *fast-food*, muito próxima ao local (Imagem 16). Ao todo, após a reunião de todos no ponto de encontro predefinido (o shopping) foram realizadas três paradas: a 1ª, na Orla da Praia do Quartel (396 m caminhados desde ponto de partida), a 2ª, na McDonald's em frente ao shopping (608 m), e a 3ª, na entrada principal do Patteo Olinda Shopping (750 m), como pode-se observar na imagem 17.

Imagem 16: Região Nordeste e o Estado de Pernambuco.



Fonte: Google Maps 2022

Imagem 17: Trajeto e paradas realizadas no trabalho de campo.



(Acervo Pessoal).

Baseada nas habilidades e competências citadas anteriormente, a aula de campo foi planejada em torno de seis conteúdos estudados pela geografia: globalização, população, urbanização, climatologia, economia e geomorfologia. Todos esses conceitos foram no planejamento da atividade, trabalhados de maneira associada, não caindo no equívoco de segregar as áreas de estudo da geografia.

A atividade de campo teve o Patteo Olinda Shopping como ponto inicial. A partir da chegada de todos os estudantes, a aula se iniciou, pontualmente às 9:30, com a distribuição via *smartphone* de um exercício (APÊNDICE B) para ser preenchido durante o campo, à medida que as abordagens eram feitas pelo professor. É importante citar o fato de que os conteúdos abordados na aula de campo, já haviam sido trabalhados previamente.

O início da aula se deu com a orientação para a análise da paisagem, de maneira individual do percurso entre o ponto de encontro e a primeira parada, na praia do quartel. Essa primeira abordagem serviu para estimular a observação espacial a partir da paisagem, que foi fundamental para o restante do trabalho de campo.

Entre o shopping e o calçadão da praia, que foi a primeira parada após a saída do local de partida, os estudantes puderam anotar os principais elementos da paisagem que podiam ser observados. Desde o próprio shopping, o ponto de táxi, os carros, pessoas, cercas, casas, prédios, coqueiros, a praia, o mar, as rochas, até a mudança no odor dos locais: enquanto próximo ao shopping se percebia um cheiro característico de roupa nova com o ar condicionado, no calçadão o cheiro da maresia se tornava dominante.

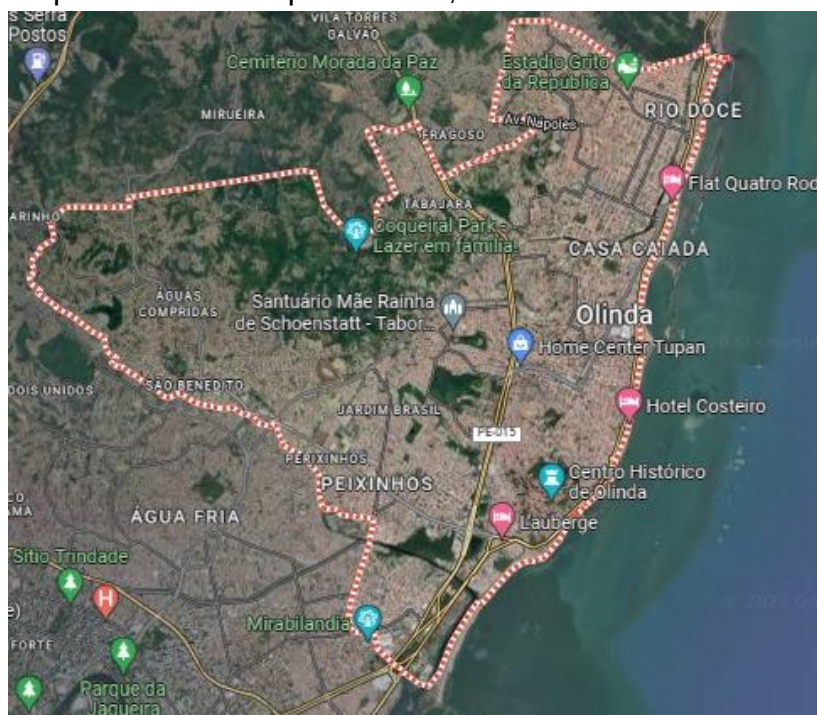
As concepções sobre a paisagem se formavam, e ao chegar, às 9:40 na próxima parada, já era nítida a inquietação acerca da mudança paisagística. Todos os 4 alunos compartilharam suas constatações e percepções, e, então, o professor iniciou as suas explicações acerca dos conteúdos predefinidos.

Inicialmente, foi feita uma análise do tempo naquele dia: 29 °C, poucas nuvens, sol intenso, sensação térmica elevada, características comuns ao clima Tropical Litorâneo, típico da região estudada. Tal clima se relacionava diretamente com o ambiente que estávamos observando: a praia, sempre visitada em dias quentes, para buscar tranquilidade, lazer, mas, também, é o ambiente de trabalho de muitas pessoas, desde o vendedor de amendoim e ovo de codorna até o dono dos bares localizados na areia da praia, todos dependentes de um tempo agradável para atender às necessidades laborais ou ociosas. Todos os elementos puderam ser completamente abordados, principalmente com quatro interrupções que foram feitas por garçons de alguns desses bares para oferecer mesas e assim estimular o consumo.

Se iniciou, assim, um debate a partir da análise climática do município de Olinda e da realidade costeira dos trabalhadores observados, junto a conceituação geomorfológica da praia e da planície costeira que o bairro acabou se sobrepondo. Foi traçado um paralelo entre a paisagem observada- as mesas e cadeiras entrelaçadas aos coqueiros, areia e ao mar- e o processo de transformação espacial que a região litorânea do país sofre desde o seu descobrimento.

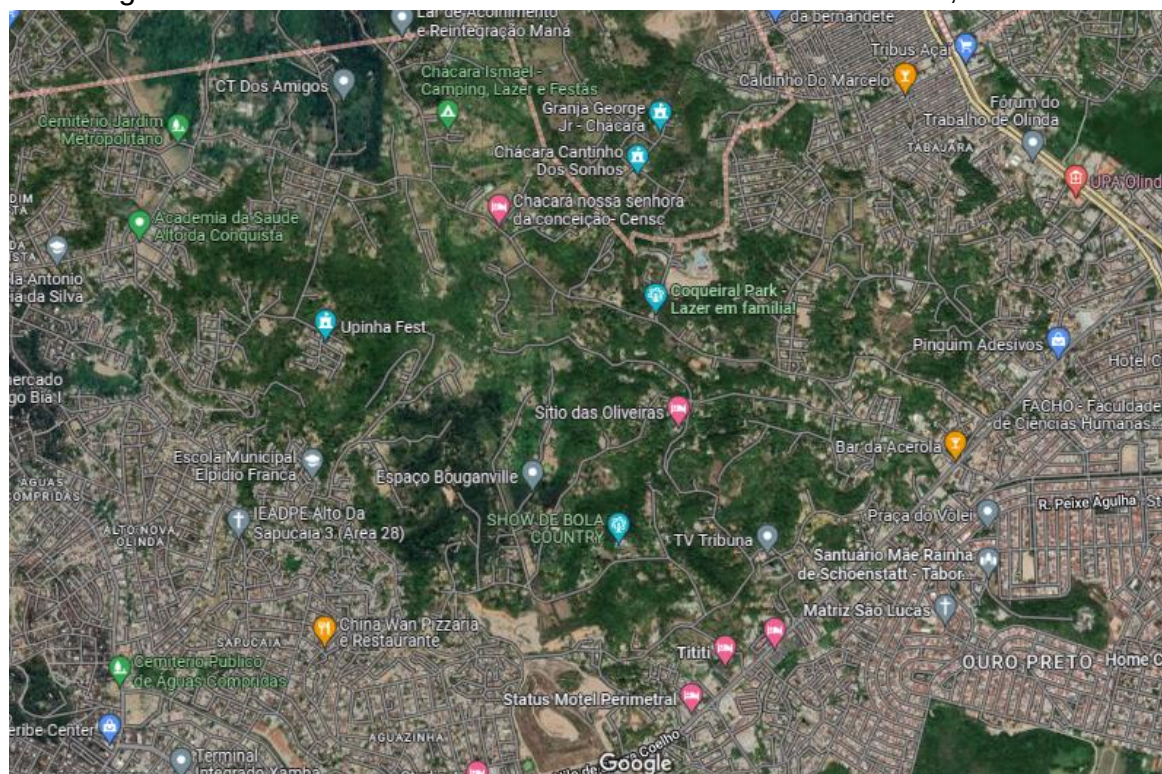
O município de Olinda, como se observa na imagem 18, está localizado em uma área onde se tinha a mata atlântica, hoje, com pequenas áreas remanescentes, principalmente no bairro de Ouro Preto (Imagem 19), mais afastado da região costeira. Pôde-se observar a estreita faixa de areia na praia, além da presença das barreiras artificiais de rochas, estratégias e consequências da urbanização da região litorânea do município.

Imagem 18: Município de Olinda e as pequenas manchas de mata atlântica próximas ao Coqueiral Park, em Ouro Preto.



Fonte: Google Maps.

Imagem 19: Remanescentes de Mata Atlântica em Ouro Preto, Olinda-PE.



Fonte: Google Maps.

Onde está a mata atlântica de baixada, a fauna costeira? Elementos inexistentes nas paisagens que evidenciam a intensa antropização da região costeira. Nas imagens 20 e 21 o momento que os alunos observam na praia os elementos naturais e antrópicos que compõem a paisagem da Praia de Casa Caiada, pode ser analisado.

Imagem 20: Observação da paisagem costeira de Casa Caiada.



(Acervo Pessoal).

Imagem 21: Explicações sobre a erosão costeira da região estudada.



(Acervo Pessoal).

A partir dessa primeira abordagem, foi sugerido aos alunos a observação da Avenida Ministro Marcos Freire, onde a orla é localizada (imagem 22). Foi mostrado aos alunos, a grande ocorrência de prédios bem estruturados, casas e comércios que indicavam uma forte presença de valor agregado àquele solo urbano.

Imagem 22: Avenida Ministro Marcos Freire, onde se localiza a orla da Praia do Quartel.



Fonte: Google Street View.

Os trabalhadores que estavam atendendo as mesas na praia, preenchem a paisagem de forma, somente, associada ao trabalho, permitindo a abordagem sobre a segregação socioespacial ocorrida nos solos urbanos, onde as regiões valorizadas como aquela são habitadas e consumidas por pessoas que, no contexto capitalista que se insere o local observado, tem condições financeiras mais elevadas. Durante toda a discussão acerca da valorização do solo urbano na região próxima a praia, podia ser observado, ao fundo, o Patteo Olinda Shopping, que colabora diretamente para os processos que eram discutidos.

Imagem 23: Discussão sobre a capitalização do solo urbano (Patteo Olinda Shopping ao fundo).



(Acervo Pessoal).

Com isso, se encerraram as discussões iniciais às 10:08, e se foi em direção à McDonald 's, a próxima parada, muito próxima à praia, chegando ao destino às 10:12. Durante o trajeto, novas observações eram feitas, mas ao chegar na parada, a mudança da paisagem foi muito discutida. Em setembro de 2022, o estabelecimento não existia, no lugar da franquía, só se via um muro que cercava um terreno público não aproveitado.

A mudança era clara e gritante, então às 10:18, se iniciou uma abordagem direta sobre o consumismo e a indústria cultural associada àquele estabelecimento que representa uma marca transnacional, reflexo da globalização e da influência norte-americana em nossas culturas. Em menos de um mês de funcionamento, o estabelecimento gerou um fluxo de pessoas, e, conseqüentemente, de capital, tão grande que deu início a construção de mais empreendimentos no restante do terreno, vizinho à rede de *fast-food*.

O que é vendido na McDonald 's não é comida de verdade, não nutre, não gera saúde, todavia, mesmo assim, ainda se torna cada vez mais procurado e consumido pela população brasileira. Pôde-se observar que, no tempo em que passamos discutindo as abordagens a paisagem estava extremamente dinâmica: a todo momento pessoas e veículos entravam e saíam do estabelecimento, levando os alunos à satirizar da situação, como se observa na imagem 24. As discussões se encerraram às 10:32 e se iniciou o trajeto em direção à última parada: o local inicial.

Imagem 24: Observações sobre globalização e geografia econômica.



(Acervo Pessoal).

No caminho, se via muitas pessoas fardadas indo para o expediente no trabalho, e ao chegar no último ponto, às 10:34, se iniciaram as discussões em torno de migrações pendulares e gentrificação. O movimento de vai-e-vem realizado pelas pessoas que trabalham no shopping em questão é o mesmo realizado por um trabalhador no supermercado, professor, engenheiro e médico. O funcionário sai de casa, vai ao trabalho e volta para casa ao final do expediente, e este processo pôde ser verificado com tranquilidade, pois os funcionários, como elementos da paisagem, estavam em constante trânsito pelo local.

À medida que se observava a entrada e a saída das pessoas, notava-se um certo padrão social de acesso ao shopping: pessoas que aparentavam ter condições financeiras favoráveis. Eram mínimos os elementos pertencentes às classes mais populares, e assim, se iniciaram as discussões sobre gentrificação e especulação imobiliária. Antes do shopping, as moradias e terrenos da região custavam um valor consideravelmente menor do que o atual, além da mudança do perfil social que se apropriara daqueles espaços públicos e que hoje não frequentam o shopping ou os estabelecimentos vizinhos por conta de retaliações institucionais.

Os alunos, neste momento trouxeram muitos relatos pessoais, que, por serem pretos, pobres, estudantes de escola pública, muitas vezes já sofreram com o racismo institucional e o preconceito social no shopping, por exemplo. Foi um momento delicado, mas muito importante para a consolidação dos estudantes como um grupo, e as concepções construídas serão levadas para a vida (Imagem 25). A discussão e, conseqüentemente, a aula de campo se encerrou às 11:01.

Imagem 25: Observações sobre globalização e geografia econômica.



(Acervo Pessoal).

A aula de campo foi um fator muito importante para os estudantes durante o final da preparação para os vestibulares. Naquele momento se cansaço, saturação de aulas tradicionais, ansiedade, o método permitiu uma relação mais amistosa e leve com a geografia, permitindo aos alunos, além de revisarem conceitos importantes, reforçarem suas concepções espaciais e suas percepções do que é observado.

6. PALAVRAS FINAIS

Ao buscar respostas sobre a importância da aula de campo para o ensino da geografia, se percebe uma grande colaboração do método para o desenvolvimento do raciocínio e pensamento geográfico. Nesta pesquisa percebemos, a partir do pensar, elaborar e aplicar a aula de campo, que a atividade em questão acaba assumindo um papel fundamental na aproximação do aluno com o desenvolvimento geográfico.

Por conseguinte, o estudo das paisagens por meio de levantamentos feitos baseados nas concepções epistemológicas da ciência geográfica, se mostra atrelado às expectativas abordadas pelos PCN. A BNCC trata do conceito da paisagem de forma proximal e intrínseca ao entendimento geográfico, principalmente no que se refere ao “sujeito e seu lugar no espaço”, o que promove o entendimento do estudante da sua função social como cidadão em formação.

A geografia tem o poder de transformar os indivíduos atuantes na sociedade, que se enxerguem como objetos atuantes, geradores de ações para atingir os objetivos, e que tais ações, objetos e objetivos, compõe o entendimento do espaço geográfico, atingindo, assim, as expectativas da geografia escolar.

O ensino dessa ciência tem o poder de, ao colocar o aluno no centro da aprendizagem, promover o exercício da autonomia, da empatia, da responsabilidade, da proatividade, o estímulo e a valorização do trabalho em grupo, colaboração e senso crítico, aprendendo a expor suas opiniões e a respeitar opiniões divergentes (CECIM e CRACEL, 2019 p. 1585).

REFERÊNCIAS

ALVES, U.S. Inteligências múltiplas e inteligência emocional: conceitos e discussões. **Dialogia**, São Paulo, v.1, s/n., p.127-144, out. 2002. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/827>. Acesso em: 28 nov. 2022.

ARAÚJO, Josélia Carvalho de; SILVA, Moacir Vieira da. O conceito de paisagem a partir do aluno. **Anais do XI do ENANPEGE**: A diversidade da geografia brasileira: escalas e dimensões da análise e da ação, [s. l.], 2015. Disponível em: <http://www.enanpege.ggf.br/2015/anais/arquivos/11/361.pdf>. Acesso em: 18 out. 2022.

ASCENÇÃO, Valéria de Oliveira Roque. VALADÃO, Roberto Célio. SILVA, Patrícia ASSIS da. Do uso pedagógico dos mapas ao exercício do Raciocínio Geográfico. **Boletim Paulista de Geografia** v. 99, p.34-51, 2018.

BERNARDES, Antônio. Milton Santos: os conceitos geográficos e suas concepções. **Formação (Online)**, v. 27, n. 50, p. 275-299, 2020.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A pesquisa participante e a participação da pesquisa**: um olhar entre tempos e espaços a partir da América Latina. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Escritos da rosa dos ventos*. [S. l.: s. n.], 201-.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

_____, **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: Geografia**. Brasília: MECSEF, 1998.

BRUNHES, Jean (1925). **Human geography** (E. H. Zeydel, Trans.). In H. E. Barnes (Ed.) & K. W. Bigelow, J. Brunhes, R. C. Givler, A. Goldenweiser, F. H. Hankins, H. M. Parshley, R. Pound, W. J. Shepard, K. Young, *The history and prospects of the social sciences* (pp. 55–105). Alfred A. Knopf. <https://doi.org/10.1037/13442-002>

CASTRO, Josué de. **Homens e caranguejos**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2001

CECIM, Jéssica da Silva Rodrigues; CRACEL, Viviane Lousada. O raciocínio geográfico na BNCC a partir de metodologias ativas. **14º Encontro Nacional de**

Prática de Ensino de Geografia, Campinas, p. 1575-1587, 2019. Disponível em: <https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/anais14enpeg/article/download/2994/2858/12957#:~:text=Em%20Geografia%2C%20pode%20ser%20uma,e%20interpretar%20o%20espa%C3%A7o%20geogr%C3%A1fico>.

CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI. **Da Lama ao Caos**. [S. l.: s. n.], 1994. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IZYFR2hr228>. Acesso em: 1 nov. 2022.

_____. **Manguetown**. [S. l.: s. n.], 1996. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vx9w1OP9V_g. Acesso em: 1 nov. 2022.

COELHO, Marcos de Amorim; TERRA, Lygia. **Geografia Geral e do Brasil** - Volume único. [S. l.: s. n.], 2009.

CONCEIÇÃO, Raphael Neves da; PASSOS, Hélio dos Santos. O conceito de paisagem e suas dissonâncias. **Anais do XI do ENANPEGE**, [s. l.], 2015. Disponível em: <http://www.enanpege.ggf.br/2015/anais/arquivos/17/478.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2022.

CORREIA, Roberto Lobato. Denis Cosgrove- A paisagem e as imagens. **Espaço e Cultura, UERJ**, Rio de Janeiro, n. 29, p. 7-21, 2011. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/3528>. Acesso em: 5 nov. 2022.

COSGROVE, Denis. **Prospect, perspective and the evolution of the landscape** idea. In: TRANSACTIONS of the Institute of British Geographers. [S. l.: s. n.], 1985. v. 10, p. 45-62. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/622249>. Acesso em: 10 out. 2022.

GARCIA-ZAMOR, Jean-Claude; KALESNIKAITE, Vaiva. The sustainable development of Miami: tackling the homeless problem. **Current Urban Studies**, [s. l.], p. 188-197, 2014. DOI <http://dx.doi.org/10.4236/cus.2014.23019>. Disponível em: https://www.scirp.org/pdf/CUS_2014091814034665.pdf. Acesso em: 10 dez. 2022.

GARDNER, H. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática**. Porto Alegre: Artmed, 1995, p. 12-36.

GODOY, Arlida Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de administração de empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

LEME, Ricardo Carvalho; MARTINEZ, Adilson. O trabalho de campo como Metodologia de Ensino de Geografia o estudo de caso da Vila Malvina – Guaíra/PR. **Laboratório de ensino de geografia- UEFS.**, [s. l.], 2008. Disponível em: <http://www.leg.uefs.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=225>. Acesso em: 7 dez. 2022.

MATTIUZ, Claudia Fabrino Machado. *In*: História e evolução dos jardins. **Disciplina de Floricultura e Paisagismo**. [S. l.: s. n.], 2017?. cap. 1. Disponível em: <https://docplayer.com.br/40925431-1-historia-e-evolucao-dos-jardins.html>. Acesso em: 20 out. 2022.

MAXIMIANO, Liz Abad. Considerações sobre o conceito de paisagem. R. RA´E GA, Curitiba, n. 8, p. 83-91, 2004. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/3391>. Acesso em: 1 nov. 2022.

MOREIRA, João Carlos; SENE, Eustáquio de, **Geografia geral e do Brasil**, 6º ano ensino fundamental, anos finais - 1.ed.- São Paulo: Scipione, 2018.

NEGRÃO, O.B.M.; SCORTEGAGNA, Adalberto. 2005. Trabalhos de campo na disciplina de Geologia Introdutória: a saída autônoma e seu papel didático. **Terræ Didactica**, 1(1):36-43. <[http:// www.ige.unicamp.br/terraedidactica/](http://www.ige.unicamp.br/terraedidactica/)>.

NOGUEIRA, Maria Aparecida Lopes. Utopias: Josué de Castro e o Manguê Beat. **Cronos**, Natal, v. 10, n. 1, p. 35-42, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/1765>. Acesso em: 11 nov. 2022.

PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação?**. 3. ed. Rio de Janeiro: UNESCO, 2007. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1822951/mod_folder/content/0/Para%20onde%20vai%20a%20educa%C3%A7%C3%A3o%20-%20Jean%20Piaget%20%28scaneado%29.pdf?forcedownload=1. Acesso em: 15 nov. 2022.

JESUS, Myrian Santos; SANTOS, Mateus Ferreira. A aula campo no ensino da geografia: experiências cotidianas na cidade para construção de aprendizagens. **Revista Ensino de Geografia**, Recife, v. 2, n. 1, 2019. DOI <https://doi.org/10.38187/regeo2019.v2n1id241728>. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/ensinodegeografia/article/view/241728>. Acesso em: 1 nov. 2022.

SANTA-CLARA, Angela. Por que estudamos Psicologia em cursos de Educação?: Articulando as teorias psicológicas e a Educação. *In*: MONTEIRO, Carlos Eduardo; CHIARO, Sylvia de. **Fundamentos psicológicos do ensino e da aprendizagem**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2012. cap. 8. Disponível em: <https://editora.ufpe.br/books/catalog/download/402/413/1218?inline=1>. Acesso em: 28 nov. 2022.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica, Razão e Emoção**. São Paulo: Edusp (Editora da USP), 2006.

SCHIER, Raul Alfredo. Trajetórias do conceito de paisagem na geografia. **R. RA'E GA**, Curitiba, n. 7, p. 79-85, 2003. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/3353>. Acesso em: 4 nov. 2022.

APÊNDICE A- CIRCULAR PARA OS RESPONSÁVEIS SOBRE A REALIZAÇÃO DA AULA DE CAMPO

COMUNICADO IMPORTANTE AULA DE CAMPO DE GEOGRAFIA 09/11/2022

Saudações, pais e responsáveis pelo aluno _____

_____. Diante de saberes que compreendem as possibilidades de ensino - aprendizagem para além das dinâmicas da sala de aula tradicional, eu, como professor responsável pelo ensino de geografia para o seu filho, **gostaria de propor uma aula de campo, no próximo dia 09/11/2022**. Nesta reta final, a aula proposta representa uma ferramenta estratégica na articulação de saberes e preparação, haja visto a proximidade da realização dos vestibulares que o estudante em questão prestará: ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio, no próximo dia 13/11/2022; SSA - Sistema Seriado de Avaliação, da UPE (1ª e 2ª fase).

Gostaria de frisar a importância desse momento para a construção do conhecimento, além de fechar e complementar todo o ciclo de preparação para os vestibulares que o aluno enfrentou durante o período de 2022. Nesse sentido, a aula proposta será essencial, visto que o estudante terá a oportunidade de analisar e observar espacialmente os processos naturais e sociais que foram abordados durante os estudos e aulas lecionadas. Compreendendo a **aula de campo como uma aula de geografia fora da sala de aula**, a aula proposta não deve ser entendida como um passeio, lazer, entretenimento, visita guiada ou turismo. Nesse viés, a aula de campo sugerida será uma aula de geografia com a proposta de: **compreender o conceito de paisagem como materialização de fenômenos numa fração espaço temporal**.

Ademais, o **TEMA DA AULA CAMPO** é: **A análise da paisagem da área urbana costeira de Olinda, para o entendimento de uma planície costeira ocupada e urbanizada**.

O local de encontro será no **SHOPPING PATTEO DE OLINDA- R. Carmelita Muniz de Araújo, 225 - Casa Caiada, Olinda- PE, às 09:00 horas do dia já mencionado**, e o transporte ficaria a mercê dos responsáveis. Aos que optarem pelo transporte público, a disposição de linhas de ônibus que podem ser utilizadas é muito alta. A partir da chegada de todos os estudantes, daremos início a aula de campo, com **previsão de duração de 1:30 horas**. Sairemos do ponto de encontro em direção à **Av. Beira Mar- Casa Caiada, Olinda PE, em especial à Praia do**

Quartel, e retornaremos ao local inicial, onde a aula será finalizada às 10:30 (aproximadamente).

Indumentária: Trajes leves, bastante protetor solar e água para reidratação.

Atenciosamente, Davi Rocha.

Olinda, 01/11/2022.



Assinatura do Professor

Assinatura do Responsável

APÊNDICE B - EXERCÍCIO DE CAMPO

- 1- Quais elementos mais marcantes você identificou nas paisagens observadas?
- 2- De que forma a construção do Patteo Olinda Shopping provocou mudanças no meio urbano do bairro de Casa Caiada?
- 3- De que forma você identifica a influência dos fatores naturais observados na praia de casa caiada para com as pessoas que frequentam o lugar? E o contrário? Essas pessoas exercem influência no meio natural?
- 4- Em sua opinião, a construção da McDonald 's foi algo positivo para a região do entorno do shopping, por quê?
- 5- Como a desigualdade social se manifesta no entorno do Patteo Olinda Shopping?